DISPERSÕES-WEIWEI: CONTRIBUIÇÕES POÉTICAS DOS TRABALHOS DE AI WEIWEI PARA O ENSINO DE ARTE

WEIWEI DISPERSIONS: POETIC CONTRIBUTIONS OF AI WEIWEI'S ARTWORKS TO TEACHING ART

Ivana Rocha / CEEAV-PPGARTES/EBA/UFMG
Artur Luiz de Souza Maciel / CEEAV-PPGARTES/EBA/UFMG

RESUMO
O artigo apresenta parte das pesquisas em ensino de artes visuais, a partir da necessidade de pensar/agir a aproximação dos espaços expositivos das práticas docentes no ensino básico. Partindo de uma discussão sobre a arte contemporânea e o papel do professor, apresenta-se as experiências advindas da mediação na exposição Raiz WeiWei e como esta influenciou nas práticas dos docentes e dos alunos. As proposições perpassaram a dimensão da poética do artista e atingem campos de significação de cada aluno, de cada subjetividade, apontando para a problemática do seu entorno. A práxis artísticas apresentaram uma série de resultados visuais/plásticos que ampliaram a discussão, dispersando as questões presentes nos trabalhos de arte de Ai WeiWei, para as questões locais, conectando o local e o global.
PALAVRAS-CHAVE
Ensino de artes visuais; Ai WeiWei; Arte contemporânea; Prática docente.

ABSTRACT
The paper presents part of the research in the teaching of visual arts, from the need to think / act in the approximation of the exhibition spaces of the teaching practices in basic education. Starting from a discussion about contemporary art and the role of the teacher, it presents itself as advanced mediation experiences in the Raiz WeiWei exhibition and how it influenced the practices of teachers and students. As propositions pervaded a dimension of the artist's poetics and reached fields of meaning for each student, for each subjectivity, changes to a problem in their surroundings. The artistic arts described a series of visual / plastic results that broaden the discussion, disperse as issues present in the art works of Ai WeiWei, for local issues, connecting locally or globally.
KEYWORDS
Visual arts teaching; Ai WeiWei; Contemporary art; Teaching practice

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

A arte contemporânea costuma gerar perturbações, tendo em vista os tensionamentos visuais presentes nos trabalhos artísticos, em suas linguagens, contextos e conceitos. A busca pela ampliação de repertório e ferramentas para uma maior compreensão das questões que permeiam a contemporaneidade, devem se fazer necessárias para a aproximação dos trabalhos e dos sujeitos/espectadores. Aspectos que devem se constituir como preocupação para a atualização dos currículos e da formação do professor. A ação docente, neste sentido, ao se aproximar do sistema da arte, formando espectadores – em um primeiro momento –, fazem com que professores sejam desafiados perante a instauração e apreciação desses trabalhos, a fim de constituir uma ponte, uma mediação entre os espaços expositivos e suas dispersões. O professor neste sentido, ao ser vetor dessas novas visualidades e saberes, inocula em seus alunos essa curiosidade epistemológica sobre a arte de seu tempo, a fim de fomentar o desejo, a necessidade de superar o estranhamento e recusa da arte produzida no hodierno.

Um dos fatores que poderiam justificar a recusa em relação à arte contemporânea é um aparente distanciamento entre os espaços expositivos e as instituições escolares, por seus atores e sujeitos. Outro aspecto, diz sobre a persistência de um enquadramento sobre o que seja arte, ainda ligada aos cânones da figuração e/ou representação do real. Ortega (2001) acredita que a não aceitação da nova arte junto ao público deve-se ao primado de uma arte figurativa, a qual representava a vida cotidiana através de padrões esteticamente mais regulares e previamente definidos, que se tornaram agradáveis, seja pelo costume, seja por uma cultura clássica, a qual, de algum modo, se reproduz inadvertidamente. Assim, o caráter figurativo da obra é mais valorizado e sua percepção mais favorável e aprazível para os sentidos, ao passo que, a abstração necessária para a contemplação das criações estéticas contemporâneas instiga a inquietação, que é própria de nossa época e que, talvez, já seja por si só perturbadora.

Outro contraponto estaria certamente na mudança de enfoque que a obra contemporânea propõe. A ênfase da criação artística sai do resultado final e passa à percepção do processo de pensamento do artista, a obra se torna a tradução na materialidade de ideias criando/convocando formas, cores, composições de imagens, as quais resultarão da expressão do artista ou do objetivo que tenha em mente ao construí-la. A proposta que alcança o público é mais um convite ao desafio e a reflexão do que à pura atitude contemplativa.

É compreensível que tanto a proposta como os meios dos quais a arte contemporânea se vale para alcançar seu público, tenha reações como as observadas através dos questionamentos dos educandos, quando manifestam comentários

como: “Isso é arte?”, “Mas, isso até o meu irmãozinho faz!”, “É esquisito” ou “Mas, ele não fez nada, só juntou as coisas!”. Percebe-se que eles buscam nas obras contemporâneas temas narrativos, históricos, mitológicos e cenas carregadas de emoção, procuram por efeitos ilusionistas, desejam encontrar uma representação ideal do homem, uma perspectiva fiel e realismo nas representações.

Certamente, um ponto chave nessa relação conflituosa com a arte contemporânea está no nosso conhecimento de mundo e na ruptura de uma tradição figurativa, que ainda não aconteceu por parte dos nossos alunos. Os Movimentos Modernistas ainda causam estranhamento nas pessoas, talvez, até certo desgosto por parte do público, já que eram obras muito diferentes daquilo que as pessoas estavam acostumadas a ver. Nossos alunos ainda parecem presos a uma tradição técnica, ora julgando a obra como um mero objeto decorativo, ora procurando identificação através da representação de algo que conhecem.

Ortega (2001) afirma que cada época tem uma inclinação e a “nova arte” também vem revelar uma nova aptidão, que leva o sujeito a seguir um determinado caminho e confere aos artistas uma orientação comum. Assim sendo, a forma como a vida nos atinge está ligada ao modo como vamos receber a obra de arte. Contudo, é possível que ainda persista a mesma dificuldade do público em aceitar que não existe e nem precisa existir um senso comum, o que em arte corresponde dizer que pessoas diferentes interpretam uma mesma obra de maneiras diversas. Nesse sentido, Eco (2008) aponta o conceito de “obra aberta”, o qual permite ao observador, a partir de várias possibilidades de interpretação, achar uma maneira individual de entender e dar significado à obra na contemporaneidade, sem estar preso a regras já estabelecidas.

Muito embora o convite pareça atrativo por si só, percebe-se, contudo, que essa dificuldade perpassa toda a educação básica e alcança os alunos dos cursos de formação para a prática docente em Arte (OLIVEIRA et al., 2008).

Para propiciar a experimentação de algo diferente aos alunos, é preciso se lançar em desafios, que perpassam a própria formação do professor, propondo conexões para além dos planos e planejamentos. Nesta imersão, a fim de trazer algo provocativo e que mexa com a entropia da sala de aula.

A pesquisa deste trabalho surge da aproximação com o trabalho do artista Ai WeiWei, a partir da exposição Raiz Ai WeiWei, em exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Belo Horizonte/MG, em 2019. A pesquisa foi impulsionada por experiências mediante as quais os pesquisadores e seus alunos se aproximaram. Para isso, fez-se um recorte da exposição Raiz Ai Weiwei através das obras: Iluminação (2009),

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Sementes de Girassol (2010), Vaso Colorido (2010), He Xie (2011), Florescer (2015), Bicicletas Forever (2015), Taifenger (2015), Lei da Viagem, protótipo B (2016), Panda a Panda (2015), Deixando Cair Uma Urna da Dinastia Han (2016), Sete Raízes (2018), Duas Figuras (2018), Mutuofagia (2018), Marcos 10-12 (2018), Marca 10 (2018), Marca 11 (2018), Obras de Juazeiro do Norte (2018). Além de examinar métodos que têm como alvo o ensino e aprendizagem de arte contemporânea nos últimos anos do ensino fundamental. Bem como, verificar condições para efetivação das propostas de trabalho em escolas da rede pública, bem como a viabilidade de sua realização.

Arte Contemporânea na Sala de Aula

É notório que a arte contemporânea ainda encontre resistência em sala de aula, seja por parte dos alunos, cuja receptividade não é boa, seja por parte dos docentes, por dificuldades em lidar com esse estranhamento ou também por não estar familiarizado com o(as) tema/temáticas com mais propriedade, embora compreendam sua importância. Todavia, conhecer a arte dos nossos dias é pertinente, sobretudo, porque nos faz refletir sobre as questões sociais, políticas e humanas contemporâneas. É, portanto, necessário, driblar as dificuldades que o ensino e aprendizagem desse tema traz como desafio.

Através de uma visita guiada à exposição Raiz Ai Weiwei, ocorrida entre 11 de fevereiro a 15 de abril de 2019, no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB). Posteriormente, no sentido de complementar esse trabalho de campo, foram apresentados aos alunos vídeos com entrevistas sobre o artista, seu trabalho e suas exposições. Ademais, a leitura de alguns textos e críticas que levarão a confrontar diferentes visões a respeito desse artista e de sua obra.

Atualmente, os artistas se mostram interessados na exploração de diversas linguagens artísticas, abrindo espaço para diversos processos poéticos, e isso se dá, também, pelo leque de possibilidades que a tecnologia vem oferecer. Caracterizam-se os processos de criação individuais, trazendo interação entre o espaço de produção e o mundo, extrapolando o que se definia como limites.

É, portanto, necessário que o professor de Arte inclua em seu material didático-pedagógico o uso das tecnologias no ensino de Artes Visuais, uma vez que esta avança no ambiente escolar implicando em novas maneiras de construir conhecimento. Um exemplo disso é o uso dessas tecnologias para ampliar o referencial imagético do aluno, pois muitos deles ainda têm somente o livro didático como referência para Artes Visuais em suas casas.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

É preciso estar atento para que o ambiente da sala de aula não seja limitador, ao invés de ampliar conhecimentos, ampliar o acesso a informação e promover descobertas.

Loyola (2016, p. 14) considera "fundamental que o Professor seja uma pessoa envolvida com arte", para não só elaborar atividades e distribuir tarefas aos alunos. Ainda segundo ele, "quanto maior o envolvimento estético do Professor com a arte, maiores serão as oportunidades de pensar e propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e de senso crítico" (LOYOLA, 2016, p.15).

Neste ponto, professor passa a produzir para partilhar. A produção sai do aspecto individual para pensar o coletivo. O professor passa a produzir possibilidades e facilitar caminhos para os alunos, oferecendo um catálogo de possibilidades a serem exploradas. O professor produz antes de apresentar propostas, vivencia individualmente para propor ao coletivo. E criar um campo de referências, exemplos ou direcionamentos que eles possam seguir. É possível, também, apresentar de maneira ampla, mas tangível, as possibilidades plásticas. Ao produzir antes deles, estamos pesquisando a materialidade, tencionando conceitos, aproximações às esferas políticas e sociais, onde os alunos estão imersos. O trabalho artístico passa de uma práxis individual e se pauta na tarefa de educar, no ato de provocar nos alunos suas capacidades e saberes, concomitantemente.

Nessa perspectiva, Cattani (2002) aponta que o pensamento verbal se difere do visual, mas se complementam ao mesmo tempo. Enquanto o primeiro faz um discurso por meio da palavra, o segundo, por sua vez, se expressa através de cores, linhas, pontos, formas, volumes, suportes e materiais com os quais resultará em um objeto artístico, a obra. Na contemporaneidade, não basta produzir e deixar que a obra fale por si. O aluno será provocado a falar sobre sua obra e o professor a falar da sua prática, e existem diferentes modos de se expressar sobre algo. É importante que aluno e professor trabalhem juntos e simultaneamente com os dois sistemas do pensamento: o visual e o verbal. Encontrar uma forma que ajude o aluno a expressar o que se quer, da forma como se quer, são maneiras de aprofundar e enriquecer a obra, pois entre o quer dizer e o que a obra diz, pode haver um distanciamento. O espectador interpreta e seleciona aquilo que vê. Assim, a palavra poderá trazer novos elementos que enriquecerão a reflexão do aluno, bem como do professor, no intuito de que, futuramente, esses alunos possam desenvolver sozinhos os seus próprios trabalhos.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Conforme Loyola (2016, p. 13), "em Arte é fundamental o respeito às subjetividades dos alunos, o jeito próprio de cada um perceber o mundo e de se expressar no mundo e com o mundo".

Após essas reflexões, é que decidimos adotar nas aulas, a Arte Contemporânea, até então, desconsiderada nos programas e planejamentos docentes. É através dela que é possível conceber aulas mais significativas para o ensino e aprendizagem em Artes Visuais, de acordo com a realidade do aluno, assim como articular o uso do material elaborado pelo próprio professor ao contexto deles e avançar para além de abordagens que já fazem parte do seu cotidiano, estimulando a curiosidade e a experimentação no pesquisar e no fazer artístico.

Barbosa (1998) ainda é muito atual quando aponta que refletir sobre a imagem, proporcionar a leitura da obra de arte, despertar a capacidade crítica do aluno é algo que tem lugar em muito poucas escolas. Além da influência diária da televisão, mais atualmente temos a influência das redes sociais. Faz-se, pois, urgente a alfabetização para a leitura da imagem, determinante para a condição humana. E, embora não seja de interesse da elite, enquanto professores de Arte, mais que entreter os alunos, como já se entendeu no passado que era função desta disciplina, é premente a necessidade de instrumentalizá-los e sensibilizá-los para os eventos do seu dia a dia. Segundo Barbosa

> Sonegação de informação das elites para as classes populares é uma constante no Brasil... os pobres precisam somente aprender a ler, escrever e contar. O que eles não dizem, mas nós sabemos, é que, assim, estes pobres serão mais facilmente manipulados. (BARBOSA, 1998, p. 36).

No sentido de atender à necessidade de propor vivências que pudessem fazer com que os alunos fossem capazes de construir um conhecimento crítico, num processo em o professor pudesse atuar como mediador, nos deparamos com as obras de Ai Weiwei. Esse encontro, incitou à realização de algo diferente na abordagem da arte. Ela vem impregnada de questionamentos enquanto apresenta uma fragmentação na narrativa em ideias, sentimentos e ações. Apresenta correspondência com o passado, já que é preciso compreender o passado e sua história para se chegar ao que é contemporâneo, e, no entanto, traz o inesperado. A falta de informação, a falta de contato e principalmente a falta da formação do olhar compõem essa problemática, por isso a necessidade de visão para o passado para se compreender o presente.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Os trabalhos de Ai WeiWei e provocações no ensino de artes

Nas pesquisas sobre a obra de Ai Weiwei, ainda que tivéssemos conhecimento dos conceitos que permeiam a Arte contemporânea, sentiu-se falta de informação sobre a obra do artista e seu contexto de vida, além da necessidade de compreender o contexto histórico da China. Somente após preencher essas lacunas é que foi possível lançar à tentativa de aproximação de sua obra.

Ai Weiwei é famoso por apresentar em seu trabalho um enfrentamento entre os modos tradicionais de vida dos chineses e a vida contemporânea. Não estando o espectador a par do modo de vida que rege a China, este não compreenderá, tão pouco refletirá sobre, por exemplo, uma de suas principais obras, intitulada Dropping a Han Dynasty Urn (Deixando cair uma urna da dinastia Han), a qual apresenta o artista derrubando propositalmente uma urna cerimonial, de cerca de 2.000 anos, período importante da história dos chineses.

Talvez esta seja uma problemática da Arte contemporânea, ao menos para alguns. O espectador não tem que necessariamente entender de Arte ou do contexto histórico e cultural que envolve a obra para usufruir dela, entretanto, sem algumas informações e sem um olhar minimamente formado, esse espectador conseguirá interpretar e ao menos refletir a partir dela? É uma questão controversa. Segundo Barbosa

> O objeto da interpretação é a obra, não o artista, portanto uma interpretação não precisa incluir a intenção do artista, mas não necessariamente se deve excluir dados captados fora da obra através da biografia, da vida do artista... (BARBOSA, 1998, p. 47)

Ao ler sobre as experiências que Ai Weiwei havia desenvolvido na China, é possível sentir que elas poderiam funcionar como catalisador de uma reflexão a respeito da Arte Contemporânea e da necessidade histórica e política do momento que estamos vivenciando. Segundo Marcelo Dantas

> (...) muitas vezes o agente de mudança vem de um elemento remoto, que entra em contato com um território novo. Weiwei aplicou um modelo de ativismo social na produção de arte e, simultaneamente, pôs a arte no centro dessa ação. (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2019, p. 3)

Experimentado as linguagens contemporâneas nos trabalhos em sala de aula, contextualizando a obra de AI Weiwei junto aos alunos e aplicando, através de diversas experimentações estéticas, os momentos políticos pelos quais estamos

passando. Foram construídas instalações pelo espaço da escola nas quais as obras questionaram: o desastre ambiental de Brumadinho, a importância de se economizar água para as gerações futuras, a importância da preservação das árvores, bem como do meio ambiente, o cerceamento da liberdade de expressão que tem ocorrido de forma velada. Também foram feitas experimentações, fora da temática política, performances que tencionavam a reação do público. A maioria dessas experimentações abordadas foram incitadas ou tiveram como referência os trabalhos de Ai Weiwei.

Ai Weiwei é um ativista contemporâneo, que criticou abertamente a posição do governo chinês sobre democracia e direitos humanos. Sobretudo, quando investigou a corrupção e a falta de transparência da administração pública. Como artista, ademais de extremamente criativo e ousado, seu trabalho apresenta uma reflexão sobre os valores e a matéria, que estão intimamente conectados às causas sociais e humanas. Desafios da contemporaneidade, os quais também tocam nas questões tradicionais chinesas, que ele soube atar à sua produção artística de forma a evidenciar uma transformação social e coletiva.

Ai Weiwei agrega colaboradores como artistas locais e artesãos quando realiza uma exposição em países estrangeiros. No Brasil não foi diferente, ele conheceu a diversidade do nosso país explorando diferentes cidades nas quais trabalhou junto com seus artesãos. Desse modo, entre as criações produzidas no Brasil encontra-se uma série de obras feitas com raízes centenárias de pequi-vinagreiro, espécie típica da Mata Atlântica encontrada em Trancoso, Bahia, que contou com a mão de obra de carpinteiros chineses e brasileiros. Nas quais conciliou as raízes culturais chinesas e as raízes ancestrais brasileiras. Segundo Dantas (2019), quando essas raízes surgiram no caminho do artista, houve o encontro de um significado comum entre a inspiração e o objeto de sua busca. Assim, deu-se o nome da exposição: Raiz. Ainda segundo o curador,

> Essas árvores são a evidência de uma conexão muito antiga com o solo, fonte de toda cultura. A prática de Ai Weiwei ao longo de sua carreira tem sido a de revelar raízes perdidas e evidencias de cultura ameaçadas, primeiro na China, nos projetos sobre refugiados, e agora no Brasil. Reconectar-se às raízes e encontrar o elo perdido nos permite reencontrar uma ancestralidade de que nos esquecemos, que parece perdida. (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2019, p. 5).

No decorrer, apresentou-se a necessidade de situar os alunos a respeito das diversas linguagens da arte contemporânea como o Happening, a Performance, a Instalação, a Arte Conceitual, o Minimalismo, a BodyArt, a OpArt, a Pop Art e a Art Street, as quais se interligam à obra de Ai Weiwei. Para essas aulas foi proposto uma inversão

de papéis, na qual os alunos deveriam se organizar em grupos, para fazer/apresentar as linguagens, seguida de debates e produção de trabalhos no ambiente escolar a partir de todas essas experiências. Somente após essas experiências, foi possível firmar um espaço de discussão e reflexão a respeito da arte, dentro da sala de aula. Até aqui, não havia diálogo efetivo entre aluno e professor, a não ser por reflexões rasas a respeito do que vem a ser arte e por que se estudar arte, em que eu expunha os motivos e os alunos os acatavam como meros receptores de conceitos pré-definidos. Somente com a imersão no universo da arte contemporânea, buscando conhecê-la e experimentá-la, é que esse espaço tornou-se verdadeiramente produtivo, a fim de dialogar sobre o objeto artístico e/ ou sua participação política, bem como a relação do espectador com a obra, do por que se fazer arte e do por que se estudar arte. Esses alunos tornaram-se, assim, sujeitos ativos, participativos e detentores de conhecimentos até então ignorados. Acreditamos que, após essas experiências, as aulas de arte tornaram-se mais significativas para os alunos. Os educandos se aproximaram mais do fazer e pensar a arte, não se limitando a suportes e trazendo para si novas maneiras de ver o mundo e de expressá-lo.

Considerações Finais

A apresentação da obra e do artista Ai Weiwei, mostrou-se de fundamental importância para a imersão nos conceitos e na construção das propostas de experimentação artística que nos permitiram empreender o entendimento da arte contemporânea.

A obra de Ai Weiwei em nossas pesquisas se colocou como um referencial no fazer artístico, condizente com os novos meios da arte, trazendo possibilidades para a criação e recriação. Dependendo de onde e de como é apresentada sua obra, propõe e desenvolve um novo diálogo a cada nova montagem. Assim sendo, uma mesma proposta pode encontrar novos meios de se apresentar ao público na China, no Brasil ou em qualquer outro lugar. Decerto por isso, a necessidade do artista de expressar a tensão entre o mundo contemporâneo e os modos tradicionais chineses de pensamento e produção também fazem com que as pessoas dos outros países. Sua obra proporcionou experiências, que estimularam nos alunos seu senso crítico diante dos acontecimentos políticos e sociais atuais, além da produção de crítica e senso estético diante do fazer, do apreciar e do refletir, sobretudo, mediante a criação de suas próprias obras.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Assim, tomando como referência este artista chinês, os alunos também demonstraram criatividade e ousadia em seus trabalhos, apresentando uma reflexão puramente estética, bem como, sobre as causas sociais, humanas e políticas.

Em sala de aula, através dos trabalhos dos alunos, pode-se perceber a criação de um sentimento de pertencimento da arte contemporânea. Esse fato ficou evidente, inclusive, pela observação do investimento da maior parte dos educandos e até mesmo da escola, para a realização das propostas. Enquanto antes, ao menor sinal de dificuldade, cancelava-se uma atividade e partia-se para outra, mecanicamente, desta vez, eles mesmos buscavam alternativas para vencer as barreiras que os impedissem de executar suas obras, o quanto antes. Evidenciando um envolvimento e desejo de concretizar o trabalho, certamente, porque as propostas partiram deles mesmos.

Como a arte contemporânea também se vale das tecnologias, constituiu importante etapa do processo, para aluno e direção. Perceber o quanto o celular e a internet podem somar no aprendizado dentro do ambiente escolar. Mesmo após a etapa de pesquisa, feita no laboratório de informática da escola, os alunos sentiram a necessidade de continuarem pesquisando referências, materiais, novos meios e estratégias; e a única maneira de viabilizar a continuidade da pesquisa foi através dos seus próprios aparelhos celulares, uma vez que é grande a demanda do uso do laboratório de informática para toda a escola. Essa ferramenta, inicialmente vista apenas como um objeto de entretenimento, durante o desenvolvimento da pesquisa, passou a ser percebida como uma ferramenta didática eficaz e formidável para o ensino e aprendizagem em sala de aula.

Trabalhar com a obra de Ai Weiwei proporcionou extrapolar a realidade do aluno, ampliando-a em consonância com suas vivências, sem desconsiderar sua cultura, seus costumes, sua comunidade, mas como estratégia para aguçar pensamentos e práticas, estéticas e críticas até então adormecidas, as quais despertas, fizeram que eles próprios sentissem necessidade de criar e provocar em seu público as mesmas sensações que, de algum modo, puderam experimentar.

Tomando o espaço escolar como caminho legítimo para atividades coletivas e reflexivas, temos convicção que oferecemos aos alunos possibilidades a serem exploradas, aperfeiçoando suas capacidades intelectuais e práticas estéticas.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

CATTANI, Iclea Borsa. Arte Contemporânea: o lugar de pesquisa. In: BRITES, Blanca, TESSLER, Elida (Org.). **O Meio Como Ponto Zero**. Porto Alegre: Instituto das Artes, UFRGS, 2002. p. 37-50.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GUIMARÃES, Francisco de Assis Portugal. **"Obra aberta"**: uma pluralidade de significantes. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 18., 2009,Salvador. Anais...Salvador: ANPAP, 2009, p. 1901-1912. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/chtca/francisco_portugal.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2020.

LOYOLA, Geraldo Freire; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Professor-artista-professor**: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MARTINS, Mirian Celeste (Coord.). **Curadoria educativa**: inventando conversas. Reflexão e Ação. Revista do Departamento de Educação/UNISC– Universidade de Santa Cruz do Sul,Santa Cruz do Sul, v. 14, n.1,jan/jun 2006, p.9-27.Disponível em: <http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf>. Acesso em: 09 abr 2019.

MARTINS, Mirian Celeste; GUERRA, M. Teresinha; PICOSQUE, Gisa. **Didática do ensino de arte** – A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.São Paulo: FTD, 1998.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA. **Raiz Weiwei**. Catálogo. Belo Horizonte, 2019. 12 p.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. et al. **Arte contemporânea e ensino de arte na escola básica**: a difícil tarefa e os desafios de se pensar a formação do professor de artes visuais.In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 17., 2008, Florianópolis. Anais...Florianópolis:ANPAP, UDESC, 2008, p. 1402-1413.[cdrom]

ORTEGA,Y.; GASSET, José. **A desumanização da arte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Ensino de Arte no século XX: auto-expressão criativa**. Belo Horizonte: Fundamentos do Ensino de Arte II do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; XAVIER, Samara Vilaça. **Pesquisa em ensino/aprendizagem em artes visuais II**. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

QUEM tem medo de Arte Contemporânea? Direção: Isabela Cribari e Cecília Araújo. Produção: Cristian Jerônimo e Leonardo Asfora. Roteiro: Isabela Cribari. Realização: Fundação Joaquim Nabuco e Massangana Multimídia Produções, 2008. (28 min.), son., color., Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=44&v=qpctlrloenQ&feature=emb_title>. Acesso em: 24 nov. 2019.

SILVA, Luciana Bosco e. **Instalação: espaço e tempo**. 2012. 243 f. Tese (Doutorado em Artes) – Faculdade de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/JSSS-8R8LVY> Acesso em 23 jan 2020.

Ivana Rocha

Especialista em Ensino de Artes e Tecnologias Contemporâneas (CEEAV PPGARTES/EBA/UFMG); Especialista em Gestão, Educação e Segurança no Trânsito (UCAM); Especialista em Ensino de Artes (FINOM); Licenciada em Artes Visuais – Desenho e Plástica (EBA/UFMG); Bacharel em Artes Visuais – Cinema de Animação (EBA/UFMG). Atualmente trabalha como arte-educadora na Secretaria de Educação de Ribeirão das Neves e Betim, MG. Contato: arte.ivana@gmail.com

Artur Luiz de Souza Maciel

Mestre em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE); Licenciado em Artes Visuais (UFRN) com período sanduíche na FBAUP (Portugal); Tecnólogo em Produção da Construção Civil (CEFET-RN). Atuou como Professor de Arte na SEEC/RN; Professor Substituto no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRN nas áreas de Expressão Visual, Desenho e Gravura. Atualmente trabalha como Professor de Arte SME Vespasiano-MG; Professor Formador 2 no CEEAV PPGARTES/EBA/UFMG. Contato: artursouzasete@gmail.com

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.